

ABRACE/2014

PAVLOVA, ADRIANA. A Favela da Maré como palco de uma nova distribuição do sensível. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena; Escola de Comunicação; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientação de Eleonora Batista Fabião. Jornalista e crítica de dança.

### RESUMO

Este trabalho faz um mapeamento das relações da Lia Rodrigues Companhia de Danças (LRCD) com o Núcleo 2, grupo de formação de jovens bailarinos, no Complexo de Favelas da Maré, conjunto de 16 comunidades com 132 mil habitantes, na Zona Norte do Rio, onde a companhia de dança contemporânea se estabeleceu em 2005. O objetivo principal é apresentar o Núcleo 2 como um potente espaço de construção de uma outra representação da favela para além das ausências mais visíveis, conforme Souza e Silva & Barbosa (2002), que também permite vislumbrar a redistribuição do sensível, de acordo com Rancière (2012) e Fabião (2011). Para chegar aos resultados a serem apresentados, foram entrevistados três informantes integrantes do Núcleo 2, que também são moradores da Maré. Como conclusões parciais, percebe-se o surgimento de novas subjetividades e identidades entre os jovens integrantes do Núcleo de formação.

**PALAVRAS-CHAVES:** Dança; Formação em dança; Favela; Partilha do sensível; Subjetividades

### ABSTRACT

This work maps the relationship between Lia Rodrigues Companhia de Danças (LRCD) and Núcleo 2, a project for developing young dancers at Complexo da Maré, a community of 132,000 inhabitants spread over 16 *favelas*, where the dance company has had its headquarters since 2005. The main purpose is to present Núcleo 2 as a powerful space for building a different representation of the *favela* beyond its more visible absences (Souza e Silva and Barbosa, 2002), as well as a chance to perceive the distribution of the sensible (Rancière 2012, Fabião 2011). Three members of Núcleo 2 are interviewed, all of whom are also Maré dwellers. As a partial conclusion, we identify the appearance of new subjectivities and identities among the young members of the group.

**KEYWORDS:** Dance, Development in Dance; Favela; Distribution of the Sensible; Subjectivities.

Em 2005, a coreógrafa Lia Rodrigues fez um movimento divisor na sua trajetória artística: deixou a Zona Sul do Rio de Janeiro, onde trabalhara desde a fundação do seu grupo, em 1990, para uma residência no Complexo de Favelas da Maré, conjunto de 16 comunidades com 132 mil habitantes, na Zona Norte da cidade. A convite do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm), a artista transferiu as atividades diárias de sua companhia para a Casa de Cultura da Maré. Em 2009, já em parceria com a Redes de Desenvolvimento da Maré, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, a companhia passou a ter como sede o Centro de Artes da Maré (CAM), galpão de mil e duzentos metros quadrados na Nova Holanda, muito próximo à Avenida Brasil. O CAM abriga hoje a Escola Livre de Dança da Maré e também serve de palco para manifestações artísticas variadas. Foi na Maré que a companhia de Lia Rodrigues criou todos os seus trabalhos desde 2005, além de promover encontros, oficinas e discussões teóricas.

Segundo Isabella Porto, em dissertação de 2014, na Maré, há “apenas um equipamento cultural público, a Lona Cultural Herbert Vianna, onde também funciona a Biblioteca Municipal Jorge Amado. Não há, portanto, opção de teatro ou cinema na região.”

Em texto de 2011, a pesquisadora Eleonora Fabião afirma que juntos, LRCD, Redes e demais envolvidos, estão reconfigurando a cartografia de inclusão e exclusão social e cultural do Rio. Segundo Fabião, que recorre ao conceito de “partilha do sensível”<sup>1</sup>, de Jacques Rancière, para iluminar a parceria da Redes e da companhia na Maré, “essa *assemblage* cria novos modos de perceber, sentir e ocupar a cidade.”

A mudança da companhia de bairros mais influentes do Rio de Janeiro para a Maré é um deslocamento estratégico que complica as hierarquias convencionais entre “centro” e “periferia” (onde “a periferia” é frequente e estranhamente percebida como “sem cultura”). Essa mudança mostra a importância da tão falada periferia. A chegada da LRCD à Maré produziu uma profunda mudança estética e política no trabalho do grupo, resultado da poderosa interlocução encontrada na comunidade. (FABIÃO, 2011).

Aberta em 2011, a Escola Livre de Dança da Maré oferece aulas gratuitas e já recebeu mais de 600 alunos. Antes disso, em 2009 e 2010, já havia aulas ministradas pelos bailarinos do grupo de Lia Rodrigues, dentro do projeto *Dança para Todos*, que, serviu de embrião do Núcleo 2. Criado em 2012, para a formação de bailarinos, o Núcleo 2 reúne atualmente 19 jovens, de 17 a 25 anos, a maioria moradora das comunidades da Maré.

É possível afirmar que a parceria da Redes com Lia Rodrigues é uma resposta à reflexão que os geógrafos Jailson Souza e Silva e Jorge Barbosa fazem sobre as potencialidades dos espaços populares, propondo a “construção de uma outra representação das favelas – para além das

---

<sup>1</sup> A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum etc. (RANCIÈRE, 2012, p. 6).

ausências mais visíveis” (2012, p.54) e o direito desses espaços serem vistos na cidade como paisagem.

A psicanalista e crítica Suely Rolnik fala de forças que trabalham na construção de cartografias a partir das tensões da experiência contemporânea e não de sua denegação. Através dessas forças, se afirmaria o que ela chama de poder poético da arte, ou seja, de dar corpo às mutações que se operam nos afetos do presente.

Torná-las sensíveis participa da abertura de possíveis na existência individual e coletiva – linhas de fuga de modos de vida estéreis que não sustentam coisa alguma a não ser a produção de capital. (ROLNIK, 2013, p. 98).

Essas linhas de fuga, possíveis novos territórios existenciais, segundo Rolnik, estariam em atrito com o *mainstream*, fruto da política de produção de subjetividade e de cultura predominante no neoliberalismo e sua sociedade de controle. Seriam, assim, novas formas de subjetivação inventadas “para escapar aos sistemas modelizantes da subjetividade capitalista”, já que “as formas tradicionais de militância tenderão cada vez mais a serem incapazes de responder não só às problemáticas dos grupos marginais, como também aos problemas fundamentais da maioria da sociedade (GUATARRI & ROLNIK, 2011, p.165-166).

Em sua experiência na Maré, a Lia Rodrigues Companhia de Danças tem proposto uma nova forma de militância política e artística, ajudando a produção de novas subjetividades. Na página da internet da companhia, encontra-se uma esclarecedora definição do CAM:

Espaço de encontro e de troca de experiências de artistas e pessoas de todas as idades, o CAM é um catalisador de experiências estéticas e humanas. Um lugar de fricções, deslocamentos e sonhos que se entrelaçam, expressão concreta de uma utopia urbana com novas paginações e atores.

Se o CAM é de fato um espaço de ampliação de subjetividades, o Núcleo 2 e seus jovens oferecem um perfeito objeto de estudo de como vem se dando a transformação, além da possibilidade de vislumbrar ali uma nova representação da favela, bem mais positiva, e também a redistribuição do sensível. A hipótese deste trabalho é que o impacto mais visível da parceria entre Redes e companhia na vida de um grupo de moradores da Maré está à mostra no Núcleo 2. O projeto de formação é acompanhado por Lia e sua equipe.

Houve uma primeira audição em 2012 e uma segunda em março de 2013, quando entraram mais 7 jovens, formando atualmente um total de 19 integrantes. Desses, os 11 que estão desde o começo recebem uma bolsa de R\$ 200, fruto da parceria com a fundação francesa Hermès. Os outros, por falta de verba, ainda não foram contemplados com a ajuda financeira.

O Núcleo 2 tem aulas diárias, das 14h às 18h, de técnicas variadas. Também já aconteceram palestras, aulas de história da dança e discussões teóricas sobre assuntos diversos, como questões de gênero e sexualidade. Desde a

sua concepção, o Núcleo 2 nunca teve como fim apresentar espetáculos. A proposta foi de ser um grupo de formação e, se acontecessem, os trabalhos fariam parte deste processo. Tanto que o primeiro trabalho foi encarado e batizado como um exercício e desde de sua estreia, em abril de 2013, apresentado neste contexto de processo de formação. *Exercício M, de Movimento e de Maré* foi dançado em diferentes locais do Rio de Janeiro, em São Paulo, além de ter viajado para a França, onde foi apresentado na cidade de Vitry-sur-Seine, próxima a Paris.

O processo de concepção do *Exercício M* foi supervisionado por Lia Rodrigues e suas assistentes, num momento de presença ativa da coreógrafa dentro do Núcleo 2 e de muita troca com os jovens. O trabalho é composto por solos e duos criados pelos integrantes do grupo com a ajuda da coreógrafa e pela remontagem de um trecho de *Aquilo de que Somos Feitos*, obra de 2000 da companhia da Lia.

Em junho de 2014, estive no Centro de Artes da Maré e conversei com três integrantes do Núcleo 2. Impressionou a articulação delas e a necessidade de expressarem a importância do Núcleo 2 em suas vidas.

L., 22 anos, e T., 21 anos, participavam de um grupo amador de dança na Igreja Batista do Parque União, uma das comunidades do Complexo de Favela da Maré, quando ficaram sabendo de aulas gratuitas de dança no CAM. Isso era o ano de 2009 e até aquele momento nenhuma das duas nunca tinha visto um espetáculo de dança contemporânea e nem ouvido falar na coreógrafa Lia Rodrigues. “Foi meu primeiro contato com a dança contemporânea. Eu entendia que dança era balé, que eu tinha que ter aquela fôrma para dançar, não tinha esse mundo de respirar arte e aqui eu encontrei isso”, lembrou L. Até ali também as duas tinham pouco contato com projetos artísticos, como disse T.:

É uma coisa cultural, as pessoas de mais baixa renda, eu mesmo me incluo nisso, a gente não tem uma formação de arte. Arte na escola a professora dá uma folha e a gente rabisca. É só isso, só desenho. Você não vê literatura, não vê cinema, a gente não tem essas noções. Então isso é uma coisa que eu sempre fui criada para acreditar que era supérfluo. Só faz arte quem tem dinheiro.

Integrantes da LRCD daquele momento davam aulas no projeto *Dança para todos*, que acabou terminado por falta de verbas e início da reforma do CAM. Mas depois da experiência, L., que nasceu e foi criada na Maré, e T., que nasceu na Maré, cresceu no bairro vizinho de Brás de Pina e hoje mora de novo na Maré, já não eram as mesmas.

Assim que L. e T. souberam que a Escola Livre de Dança da Maré seria inaugurada, elas se inscrevem nas aulas e ali mesmo começam a se preparar para a audição do Núcleo 2. Aprovadas, tanto uma como a outra passaram a ver a dança como um projeto profissional de longo prazo. Hoje, L. faz bacharelado em dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e T. continua em busca de uma vaga para o mesmo curso.

O cotidiano dessas jovens é dentro do CAM, onde L. e T., no mês de junho de 2014, também estavam trabalhando como secretárias, sem ganhar

nenhuma remuneração. Pelo relato, elas conseguem perceber com clareza a importância de ter um Centro de Artes na Maré, mostrando, no entanto, que nem todos os moradores têm a mesma visão. Uma parte do depoimento de L. foi esclarecedor:

É muito interessante como esse espaço é importante para a Maré, dentro da Maré e como passou a ser importante para a cidade. A Lia fala muito sobre a importância dessa conexão entre a Zona Sul e a favela. Às vezes a gente vê mais pessoas de fora do que da Maré. Mas eu acho que isso está sendo alcançado, o Centro de Artes tem vários projetos. Aqui é muito amplo, é um espaço onde mergulhamos em arte. Às vezes, a gente pega a bicicleta para divulgar os espetáculos que estão em cartaz aqui, a gente vai tentando fazer essa conexão, esse relacionamento com a comunidade. É devagarinho. Aos pouquinhos, um passo de cada vez, a gente está conquistando a comunidade, quebrando isso que o pobre não tem cultura.

A mudança foi profunda, como descreveu T.:

Hoje em dia eu não vejo mais a arte como uma coisa supérflua, para mim é tão essencial como educação e saúde. Inclusive, as três coisas estão superligadas. E o CAM tem um papel fundamental que não é de só oferecer aula para a comunidade mas é de você fixar essa importância de ter arte na vida.

O historiador de arte Georges Didi-Huberman se faz valer da poderosa imagem dos vagalumes como símbolo de uma arte de resistência, da arte como resistência. Para o estudioso, vivemos em pelo menos dois mundos: o mundo espetacular, repleto de luzes, das estrelas de Hollywood e das celebridades, cheio de informações inúteis, e um outro, atravessado por lampejos, onde os “povos-vaga-lumes”, fugindo dos projetores da sociedade espetacular e nas margens, fazem o impossível para afirmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los aos outros (2011, p.155). Indo contra o pessimismo pós-moderno, o historiador defende o espaço para imagens artísticas contraideológicas, que resistiriam assim à sociedade do espetáculo, numa política de sobrevivência capaz de criar experiências indestrutíveis.

O projeto da Lia Rodrigues Companhia de Danças na Maré pode ser visto como o projeto de um “povo-vaga-lume”. Ali, o grupo estaria emitindo seus próprios lampejos, numa experiência singular de resistência, criando novas subjetividades e formas de luta contra o assujeitamento do neoliberalismo, redistribuindo o sensível e contribuindo para uma nova representação da favela. Tendo como palco o Centro de Artes da Maré e contando com a parceria da Redes, Lia Rodrigues está criando a possibilidade de novos devires na Maré.

## REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FABIÃO, Eleonora. *Performing Rio de Janeiro: Artistic strategies in times of banditocracy*, in *Performance # Life, E.Misférica* 8.1.  
<http://hemi.nyu.edu/hemi/en/e-misferica-81/fabiao>

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *III - Políticas*. IN: *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

PORTO, Isabella. *Centro de Artes da Maré - o lugar do encontro, Arte e Cultura na trajetória de jovens da Nova Holanda*, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas), Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBEF, UERJ, RJ.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. São Paulo: Ed.34, 2012.

ROLNIK, Suely. *Políticas do Fluido, Híbrido e Flexível*, in *Encontro*, org. ESPÍRITO SANTO, Cristina; FABIÃO, Eleonora; SOBRAL, Sônia. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

SOUZA E SILVA, Jailson; BARBOSA, Jorge Luiz e FAUSTINI, Marcus. *O novo carioca*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.